



Habitus de classe expressado pelo capital simbólico: uma revisão da obra de Pierre Bourdieu *A Distinção*

Class *habitus* expressed by symbolic capital:
A review of Pierre Bourdieu's work *Distinction*

BOURDIEU, P. 2007. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk, 556 p.

Robinson Henrique Scholz¹
robinsonscholz@hotmail.com

Pierre Bourdieu (1930-2002) é um importante sociólogo francês no século XX. De origem campesina, filósofo de formação, chegou a docente na *École de Sociologie du Collège de France*, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Muitas foram as contribuições deixadas e, dentre elas, estão suas pesquisas, seus textos, artigos e livros publicados, que potencializaram o entendimento sociológico de sua época e iluminaram inúmeras possibilidades de entendimento do mundo social. Visitar a obra-prima *A Distinção: crítica social do julgamento*, com publicação datada de 1979, na França, e tradução brasileira de 2007, é como encontrar um ente querido com quem há muito tempo não se tinha contato, e é também vivenciar os sentidos aguçados exponencialmente. A obra intenta apontar ao leitor a realidade social de uma época e o rigor metodológico na sistematização das bases empíricas investigadas – tais como questionário para verificar qual o julgamento do gosto pelas obras de arte, pela música, objetos de decoração, filmes e, simplesmente, os hábitos de familiares da sociedade francesa. Além disso, proporciona verificar como se expressa a relação do *habitus*, com base

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Unisinos.

na apropriação de capital simbólico a partir dos capitais social, cultural e econômico. Por meio dos estudos realizados para identificar nos sistemas de disposições características das diversas classes e frações de classes, Bourdieu demonstra, ao longo do livro, que o gosto classifica e diferencia aquele que procede à classificação, ou seja, os sujeitos sociais diferenciam-se pelos gostos e hábitos que eles praticam, e pelo intermédio destas práticas, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações sociais objetivas. Salienta-se que a obra é baseada em pesquisas realizadas sistematicamente em contextos diversificados e, por assim ser, aborda a realidade da sua época frente ao *habitus* que os franceses possuíam como, por exemplo, o vestuário, o cardápio, a decoração da casa, a música e a arte. Estes, segundo o autor, são produzidos pelas condições econômicas e sociais geradoras de dispositivos de distinção que Bourdieu exemplifica ao longo da obra, ao apresentar as variadas classes sociais que se constituem associadas ao gosto.

O livro está dividido em três partes distintas, *Crítica social do julgamento do gosto*, *A economia das práticas*, *Gostos de classe e estilos de vida*, além de um quarto fragmento intitulado *Classes e classificações*. Outrossim, a obra traz, ao seu final, notas que elucidam a compreensão do leitor frente aos assuntos abordados, com referências bibliográficas consultadas, informações pertinentes às pesquisas apontadas no desenrolar do texto, bem como esclarecimentos metodológicos, no sentido de demonstrar os caminhos trilhados, seus percalços e os limitadores das investigações conduzidas na França, mais objetivamente em Paris, nas décadas de 60 e 70 do século XX.

Na brilhante e enriquecida obra, Bourdieu (2007) parte do princípio do julgamento do gosto e ordena as classificações que a sociedade francesa praticava perante o gosto que se apresentava por variados assuntos, tais como música, obra de arte, concertos, cardápios, vestuário, decoração etc. Na primeira parte do livro, *Crítica social do julgamento do gosto*, o autor demonstra parte de suas pesquisas, conduzindo sociologicamente o leitor a compreender como o gosto diferencia as pessoas e desenvolve mecanismos de distinção entre os grupos sociais, cujas estruturas das posições objetivas ocupadas pressupõem a aproximação de uma determinada fração de classe que compartilha do mesmo *habitus*. Bourdieu (2007) entende esse conceito como as práticas vivenciadas no passado que se reflete no presente, cujo alimento e projeção de sua continuidade no futuro persiste de acordo com seus pressupostos. Comporta, em sua expressão, um sistema de disposições que abrange as estratégias e as práticas sociais pelas quais a ordem social se materializa, tornando-a significativa e evidente à medida que essas disposições são incorporadas e interiorizadas mediante um processo de interação social e em um contexto constituído historicamente. O gosto por algum cardápio ou por uma receita desenvolvida e passada de geração em geração, ou mesmo o modo de se vestir, de pentear, de ir a um evento cultural, são *habitus*, práticas socialmente percebidas, classificáveis e reproduzidas. Esses hábitos de vida legitimados são reflexos do capital social herdado dos pais e da família unidos na relação estreita com o capital escolar, adquirido durante a

formação educacional legitimada pelos diplomas emitidos pelas instituições escolares – escolas, universidades etc. Este é um dos modelos de distinção apontados por Bourdieu. Além disso, o autor aponta que a utilização desses capitais, somados ao capital econômico, montante de capital que possui liquidez e possibilidade de apropriar bens de consumo, gera a produção do capital simbólico, cujo processo de uso e consumo das coisas, bem como a participação ou não de eventos culturais, gera a distinção de classes sociais. O *habitus* de consumo de um bem recebe um valor social pelo uso social a que é submetido, passando a ser condicionado ao capital simbólico atribuído pelo consumidor e a sua necessidade de consumo, frente à distinção promovida. Por exemplo, o uso de bens de luxo, como vestuário, aquisição de obras de arte, esportes considerados elitizados como o golfe e o tênis, recebem outro valor além do uso e de sua finalidade objetivas. Um casaco de luxo acaba tendo outra finalidade do que seu objetivo técnico que é o de proteger o corpo humano e aquecê-lo. Passa a ter um valor simbólico, o de distinção perante as demais frações de classe; demonstra a diferenciação nos espaços em que circula e a aceitação em uma determinada fração de classe que detém as características semelhantes do capital simbólico almejado pelo casaco de luxo.

O interessante dessa primeira parte do livro é como Bourdieu (2007) conduz o raciocínio de que a estética das coisas do mundo – sejam elas referentes a obras de arte, ao vestuário, aos objetos de decoração – na perfeição com a qual desempenha sua função de representação, fica para além do simples fato de uso do bem, da apreciação. Está intrínseco o valor simbólico que essa representação estética do bem reflete na realidade social vivenciada pelo sujeito que a consome. O texto narra uma pesquisa realizada com duas fotografias (Bourdieu, 2007, p. 46) e aplicada com pessoas de variadas frações de classe social, cujo interesse era averiguar o que os franceses julgam ao ver as fotografias. Conforme as respostas obtidas, Bourdieu (2007, p. 48) analisa algumas contribuições e afirma “que o julgamento sobre a forma adquire sua plena autonomia em relação ao julgamento sobre o conteúdo”. Também postula que os julgamentos serão variados de acordo com a fração de classe condicionada ao capital simbólico.

Decifrar as características estilísticas é uma aptidão de Bourdieu (2007), a qual permite ao leitor encontrar, nas páginas da obra, esclarecimentos de como as frações de classe vão se diferenciando de acordo com o julgamento do gosto e da estética e, assim, de que forma contribui para pensar sociologicamente outra visão de classe, de estilo e de distinção. Os espaços sociais – como, por exemplo, a família e a escola – são lugares de produção de competências que podem contribuir para o julgamento do gosto e da estética, embora haja uma distinção de legitimidade entre ambas. A escola pode certificar a formação do aluno de maneira regulamentada e institucionalizada, enquanto que a formação social, na base das interações sociais da família, amigos e vizinhos, não atesta em documento a formação, mas enriquece o potencial de julgamento, e reflete na distinção. No final dessa primeira parte, o sociólogo aborda em profundidade esta questão. Fica, já aqui, o convite para realizar a leitura e refletir sobre o assunto.

É instigante compreender uma obra que aproxima o leitor de muitas situações atuais. Mesmo escrita há quase três décadas, em um outro contexto social, permite abstrair muitos dos conceitos abordados e aplicá-los em outras realidades sociais. O cuidado com que a obra é escrita, como também a sutileza das informações e a descrição com que são investigadas as classes sociais francesas, fazem com que a segunda parte – *A economia das práticas* – prenda mais ainda a atenção de quem lê o texto, no sentido de compreender como uma classe social é definida.

Para oportunizar ao leitor, uma breve percepção do que poderá encontrar nas páginas da obra, apresenta-se sumariamente o que Bourdieu (2007) desenvolve ao longo da segunda parte do livro. O autor apresenta o que entende sobre classe social, que pode ser definida “pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas” (Bourdieu, 2007, p. 101). Também focaliza o *habitus*, a trajetória social dos indivíduos, os mecanismos objetivos de eliminação e de orientação, a interrelação entre o capital de origem e o capital de chegada – os quais são os objetivos de aquisição de um bem. Esse bem, no ponto de partida de sua concepção, possui uma objetividade e uma finalidade de utilização. No entanto, ao ser adquirido, introduz um capital simbólico de chegada do bem ao seu consumidor, o que pode ser o uso tal qual como foi concebido o bem, como também para outras finalidades. Quem definirá o modo de utilização deste bem é o consumidor, que com base no *habitus*, atribui o capital simbólico ao bem e assim define a distinção e as frações de classes de acordo com o uso do bem.

Os espaços das posições sociais vividas pelos franceses demonstram uma tensão entre as estruturas hierárquicas do capital econômico, social e cultural, que exercem poder e dominação umas sobre as outras, já que têm seu pretexto na formulação do postulado relativo à convertibilidade das diferentes espécies de capital que é a condição da redução do espaço à unidimensionalidade. Objetivam a construção de um espaço com duas dimensões que permite as lutas das diferentes espécies de capital, cujo privilégio ficará à parte do capital dominante. O Gráfico 5 (Bourdieu, 2007, p. 118-119) está elaborado de maneira a apresentar esses espaços das posições sociais e dos estilos de vida.

Nas páginas seguintes, a obra demonstra cientificamente como os franceses reproduzem suas estruturas sociais e econômicas, intentando a permanência ou aumento da sua classe social ou fração de classe, com vistas a evitar a desclassificação social. A abordagem sociológica de que há um campo de lutas entre as classes sociais tende à manutenção da disputa na continuidade ou na redefinição da classe, e, conforme as disputas, as classes visam conservar e transformar ou transformar para conservar seus estilos, *habitus* e gosto. Isso significa que existe, na visão de Bourdieu, uma dialética da desclassificação e da reclassificação. Este constante movimento é descrito no livro, detalhadamente e aponta para a discussão teórico-empírica de que há economia das práticas. Outros conceitos como estilos de vida, espaço social, encontros sociais, e campo são aprofundados no livro, instigando a leitura e a compreensão de como se pode observar a distinção

das classes sociais com base no gosto. As pesquisas, em especial as figuras ilustrativas da época das pesquisas, reportam uma viagem ao túnel do tempo, isto é, ao final dos anos sessenta, e permitem o entendimento de como eram as vidas das pessoas daquela época, levando o leitor a compreender a realidade de hoje, com base no entendimento dos conceitos do filósofo e sociólogo.

Outro ponto em destaque na obra se refere às afinidades eletivas, as quais possuem uma relação direta entre quantidade de capital, prática humana e *habitus*. Para Bourdieu (2007), as afinidades eletivas “baseiam-se sempre, por um lado, na decifração inconsciente de traços expressivos em que cada um só adquire sentido e valor no interior do sistema de suas variações segundo as classes” (Bourdieu, 2007, p. 225). De forma brilhante, a obra apresenta variadas pesquisas e ilustrações que permitem o leitor se apropriar do entendimento de que o gosto é o que aproxima coisas semelhantes e pessoas interessadas nessas coisas que se associam e entre as quais existe um pacto de acordo. As lutas simbólicas que ocorrem nos espaços de disputa do poder pela legitimidade dos estilos de vida de uma determinada classe têm como fundamento e pretexto a parcela de liberdade em relação à condição fornecida pela lógica própria das manifestações simbólicas.

Frente a essas lutas simbólicas, chega-se à terceira parte da obra – *Gostos de classe e estilos de vida*. Bourdieu aborda, já na primeira página, o senso de distinção, relevante contribuição da obra, com bases empíricas que investigavam os gostos dos franceses referentes à pintura, frequência de visitas em museus, gostos relacionados a fotografias, canções, rádios, leituras, atores e diretores de cinema, decoração da casa, móveis, culinária, vestuário, qualidades dos amigos, entre outras atividades e escolhas. Nesse conjunto de informações coletadas, o autor desenvolve sua sociologia e demonstra, por intermédio de gráficos, os gostos e estilos das classes analisadas, revisitando as pesquisas antes realizadas. Com o seu impressionante rigor metodológico, efetua as distinções entre as frações de classes, analisa a representação social das coisas, observa como são atribuídos os valores sociais e valores econômicos pertinentes a análises investigativas dos estilos de vida. Para isso, interpreta como os membros das classes sociais se apropriam da arte, das obras, das idas aos museus, ao teatro, cujo gosto está para além da estética e do social interiorizado – o *habitus*. Para Bourdieu (2007), “a conjunção da apropriação material e simbólica confere à posse dos bens de luxo, além de legitimidade, uma raridade de segunda ordem que os transforma no símbolo, por excelência, da excelência” (Bourdieu, 2007, p. 261). Esta apropriação dos bens de luxo gera a distinção perante as demais classes, legítima e gera a dominação frente às frações de classes dominadas, além de acumular capital simbólico.

Para Bourdieu (2007, p. 291), “o gosto encontra-se na origem dessas lutas simbólicas que opõem, em cada instante, as frações da classe dominante e que seriam menos absolutas, menos totais, se não estivessem baseadas nessa espécie de adesão primitiva, de crença elementar que une cada agente a seu estilo de vida: a redução materialista das preferências a suas condições econômicas e sociais de produção, assim como às funções sociais desempenhadas pelas práticas, na aparência,

mais desinteressadas, não deve fazer esquecer que, em matéria de cultura, os investimentos não são somente econômicos, mas também psicológicos.”

Pensar a distinção das classes, conforme a citação acima, permite a reflexão de que o poder está presente nas lutas simbólicas imperadas entre as frações de classes sociais, de modo geral, segundo as oportunidades de deter e reter domínio, com vistas a aumentar a competência política para legitimar a capacidade socialmente reconhecida de um capital simbólico. Também se oportuniza a verificação de que esse poder está ligado a uma fração de classe social, no que diz respeito a exprimir a autoridade e o uso da palavra performática do grupo social legítimo. Além desses, o espaço político é mais um, e essencial, aspecto analisado na obra, com vistas a representar a maneira como as diferentes frações de classe se distribuem umas em relação às outras e, ao mesmo tempo, em relação ao conjunto dos produtos e das marcas de ordem política. O aprofundamento da análise do espaço político contribui para a verificação de que o gosto colabora na distinção das classes, pois as escolhas políticas implicam na representação mais ou menos explícita e sistemática que o indivíduo tem do mundo social, assim como da posição que ocupa ou poderia ocupar nele.

Como um último ponto, destaca-se, nos escritos de Bourdieu, a abordagem analítica sobre o espaço político, com a utilização da linguagem política pelos membros das classes sociais, seu ponto nevrálgico de estudos. A discussão metodológica de como estruturar a técnica de coleta de dados, o questionamento das respostas coletadas, assim como o público investigado, é um espetáculo à parte na composição do livro, que se soma com os aprofundamentos teóricos sobre a linguagem política empregada ou não pelo porta-voz de uma classe social, seus entendimentos e as repercussões disso na sociedade humana. O questionamento da apropriação do discurso político está para além do saber prático, e, se alguém dominar a linguagem política, pode discursar sobre algum espaço social, permitindo-se, com isso apenas, o aceite dos membros que compõem o *corpus* da classe social.

A obra ainda destaca, na sua conclusão, intitulada *Classes e classificações*, que os agentes sociais são responsáveis

pela construção do mundo social. “As estruturas cognitivas utilizadas pelos agentes sociais para reconhecer praticamente o mundo social são estruturas sociais incorporadas” (p. 435). Esquemas históricos, divisão objetiva em classes, estruturas mentais e formas simbólicas são incorporados pelas estruturas sociais e suscetíveis de um mundo de senso comum. A ordem social se inscreve gradativamente no cérebro, e conduz a estruturas sociais variadas de acordo com o julgamento do gosto, do poder, da estética, da linguagem, das classificações e desclassificações, do *habitus*, no sentido de perceber o caráter próprio do sentido dos limites, cuja tensão está entre as estruturas sociais e as estruturas mentais. Essas implicam na ordem e na aceitação consciente, racional e objetiva do mundo social ao qual o sujeito está circunscrito e dentro do qual é passível de julgamento.

Em suma, a apropriação teórica do autor frente ao tema do julgamento do gosto é descrita com uma habilidade impressionante, condicionante de uma reflexão apurada sobre a obra, no sentido de avaliar em quais medidas pode-se criticar sua contribuição. São relevantes os apontamentos trazidos pelo autor, constituindo-se esta uma obra-prima, uma base sólida para muitas interpretações do mundo social e para o entendimento sobre como a sociedade francesa se portava sociologicamente na época em que as pesquisas foram elaboradas e o livro editado.

Espera-se que esta resenha signifique um convite ao leitor a “navegar neste mar de conhecimento sociológico”, presente em todas as linhas do texto de Bourdieu. De igual forma, reafirma-se que a leitura de *A Distinção: crítica social do julgamento* possibilita um rico cabedal de exemplos de espaços sociais possíveis de análise nas Ciências Sociais, como também oportuniza apreciar e investigar os caminhos metodológicos demonstrados nas pesquisas que compõem este importante livro publicado no Brasil, quase trinta anos depois da primeira edição francesa.

Submetido em: 17/11/2008

Aceito em: 14/01/2009

